USANDO A MUSICA NA EDUCAÇAO BASICA

GEMIMA CRISTINA DE OLIVEIRA CAVALCANTI

RESUMO

Este artigo apresenta propostas acessíveis para a inserção da música e dos sons no contexto escolar, com foco na educação básica. A partir de uma perspectiva inclusiva e alinhada a estudos contemporâneos, valoriza-se o uso de materiais simples e do cotidiano, facilmente encontrados no ambiente dos alunos, como forma de ampliar o acesso à prática musical. As atividades são organizadas com base na Apreciação Musical e na exploração rítmica, permitindo que os estudantes reflitam, experimentem, criem e desenvolvam sua sensibilidade musical. A construção de instrumentos com materiais alternativos, aliada ao uso do corpo e da oralidade como fontes sonoras, promove vivências significativas e lúdicas, que favorecem a socialização e a integração no universo da música. A proposta visa oferecer aos educadores estratégias práticas, criativas e de fácil implementação, mesmo em contextos com poucos recursos, contribuindo para uma formação musical mais democrática e participativa.

PALAVRAS-CHAVE: Sons Alternativos , musica na escola, contrução de instrumentos.

ABSTRACT

This article presents accessible proposals for the inclusion of music and sounds in the school context, with a focus on basic education. From an inclusive perspective and aligned with contemporary studies, the use of simple, everyday materials, easily found in students' environments, is valued as a way of expanding access to musical practice. The activities are organized based on Musical Appreciation and rhythmic exploration, allowing students to reflect, experiment, create and develop their musical sensitivity. The construction of instruments with alternative materials, combined with the use of the body and orality as sound sources, promotes meaningful and playful experiences, which favor socialization and integration in the world of music. The proposal aims to offer educators practical, creative and easy-to-implement strategies, even in contexts with few resources, contributing to a more democratic and participatory musical education.

KEYWORDS: Alternative Sounds, , music at school, instrument building

RESUMEN

Este artículo presenta propuestas accesibles para la inclusión de música y sonidos en el contexto escolar, con enfoque en la educación básica. Desde una perspectiva inclusiva y alineada con los estudios contemporáneos, se valora el uso de materiales sencillos, cotidianos y fácilmente encontrados en el entorno de los estudiantes, como una forma de ampliar el acceso a la práctica musical. Se organizan actividades basadas en la Apreciación Musical y la exploración rítmica, permitiendo a los estudiantes reflexionar, experimentar, crear y desarrollar su sensibilidad musical. La construcción de instrumentos con materiales alternativos, combinada con el uso del cuerpo y el habla como fuentes sonoras, promueve experiencias significativas y lúdicas, que favorecen la socialización y la integración en el mundo de la música. La propuesta pretende ofrecer a los educadores estrategias prácticas, creativas y de fácil implementación, incluso en contextos con pocos recursos, contribuyendo a una formación musical más democrática y participativa.

PALABRAS CLAVE: Sonidos Alternativos, música en la escuela, construcción de instrumentos

INTRODUÇÃO DA MUSICALIDADE NA ESCOLA

Partindo do princípio de que todas as disciplinas devem ser trabalhadas de forma transversal na educação básica — ampliando conceitos, complementando saberes e promovendo a integração entre áreas do conhecimento —, a musicalidade pode ser explorada como elemento pedagógico dentro das diferentes disciplinas escolares. O aluno

que se envolve com letras musicais, sons e ritmos tende a desenvolver também habilidades importantes como atenção, escuta sensível, leitura e interpretação textual. A música, por ser uma manifestação humana universal, está presente em todas as esferas sociais e econômicas, e, quando inserida nas práticas escolares, desperta maior interesse, participação e interação dos estudantes.
Ao tratar a música como parte do currículo, é possível elaborar planos de aula com observações analíticas, avaliações participativas e a valorização das culturas individuais dos alunos. Isso favorece um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, rompendo com classificações que hierarquizam talentos como "melhores" ou "piores", e reconhecendo a musicalidade como uma expressão que depende de talentos diversos, e não padronizados.
Segundo Brito (1998), a música é uma forma de linguagem presente na cultura humana desde os tempos mais remotos. Com as transformações recentes no ensino da música, hoje há mais liberdade para explorar sons e ritmos, saindo do modelo tradicional baseado em instrumentos afinados e estruturas fixas. A arte musical agora pode incluir sons corporais, objetos do cotidiano e experimentações diversas, proporcionando maior acessibilidade à prática musical.
Essa liberdade contribui para a inclusão da musicalidade nas escolas, especialmente em contextos com escassez de recursos. A musicalização pode ocorrer por meio de materiais alternativos e acessíveis, utilizando sons extraídos do ambiente, da natureza e do próprio corpo. O primeiro passo para isso é o desenvolvimento do hábito de escuta atenta, distinguindo elementos sonoros como base para a criação e improvisação.
É fundamental conhecer a realidade dos alunos e compreender suas experiências musicais fora da escola. As práticas musicais escolares só ganham significado quando dialogam com o repertório cultural e afetivo dos estudantes. A música favorece o desenvolvimento de preferências, amplia o contato com diferentes culturas e promove o respeito às habilidades individuais, contribuindo para a construção coletiva do conhecimento.

Pode-se incorporar a educação musical como parte integrante da formação do individuo desde a infância, atendendo a vários propósitos, como a formação de hábitos atitudes e comportamentos: ao lavar as mãos antes do lanche, ao agradecer a "papai do céu" por mais um dia de estudo, ao escovar os dentes, na memorização de conteúdos, de números, de letras e etc." (BUENO, 2012, p.55)

Além disso, o trabalho com a música estimula a criatividade dos alunos, o que reverbera positivamente em todas as áreas do conhecimento e também em sua formação para o mundo do trabalho, independentemente da profissão que escolherem no futuro.
No atual contexto marcado pela velocidade da informação e pela dispersão promovida pelas mídias digitais, a música tem se mostrado uma ferramenta eficaz para captar a atenção dos alunos, pois se conecta com seus interesses e com conteúdos do seu cotidiano. A introdução de formas alternativas de aprendizado amplia a criatividade, estimula a improvisação e possibilita atividades coletivas que promovem o autoconhecimento e a empatia.
A musicalidade, por ser um campo sensorial e expressivo, promove a aproximação não apenas entre os alunos, mas também entre alunos e professores. Nesse cenário, o docente atua não apenas como mediador, mas como parceiro na construção de novos conhecimentos, por meio da troca de ideias, da percepção coletiva e da valorização da espontaneidade — elementos que se refletem positivamente em todas as disciplinas escolares.
Ainda assim, reconhece-se que existem desafios para a implementação da música na escola. Mesmo com o uso de materiais alternativos, é necessário planejamento, preparo por parte dos professores e organização do tempo pedagógico. É preciso prever os recursos necessários, definir objetivos claros e criar estratégias viáveis para que a musicalização se torne realidade de forma sustentável.
Uma questão recorrente é: quem deve conduzir esse trabalho? Um professor especialista em música? O docente de Artes? Será preciso incluir aulas específicas na grade

curricular? Essas perguntas exigem reflexão e planejamento por parte da gestão escolar, pois, embora a proposta envolva todas as disciplinas, sua aplicação requer formação e estratégias que garantam a viabilidade da prática sem comprometer os conteúdos exigidos pelas avaliações oficiais.

É preciso urgentemente lançar os jovens na música de hoje. [...] Ao terem acesso à nova e desconhecida arte musical, talvez eles se sintam, de inicio, um pouco alheios aquele novo mundo sonoro. Mas a experiência mostra que logo depois se identificam e penetram naquela nova atmosfera de sons [...] (ANTUNES, 1974, s/p).

Outro obstáculo está no excesso de estímulos sonoros do cotidiano dos alunos, marcado por músicas comerciais e repetitivas, muitas vezes desprovidas de conteúdo significativo. É necessário ampliar o repertório musical dos estudantes, incentivando o contato com diferentes gêneros, culturas e formas de expressão.
Nessa perspectiva, o uso de materiais alternativos torna-se um importante aliado. Ao perceber a arte no cotidiano, os alunos desenvolvem sua espontaneidade e improvisação com materiais domésticos simples e acessíveis. Isso amplia o repertório, estimula a criatividade e facilita o acesso à experiência musical, quebrando barreiras e tornando possível uma proposta de musicalização democrática, desde que haja envolvimento e disposição para a experimentação por parte de toda a comunidade escolar

A MÚSICA NO CAMPO INTERDISCIPLINAR: VOZ, CORPO E CULTURA
A música, enquanto disciplina, pode oferecer contribuições significativas à educação básica devido à sua amplitude e diversidade, abrangendo diferentes gêneros, culturas e contextos sociais. Sua presença no currículo fortalece práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras, promovendo a integração entre saberes e favorecendo o desenvolvimento global dos estudantes.
O ensino da música potencializa a interdisciplinaridade de maneira
exemplar, ao permitir conexões significativas entre diferentes áreas do conhecimento. Como destaca Snyders (1992, p. 135), "para alguns alunos, é a partir da beleza da música, da alegria proporcionada pela beleza musical — tão frequentemente presente em suas vidas — que chegarão a sentir a beleza na literatura, o misto de beleza e verdade existente na matemática, o misto de beleza e eficácia que há nas ciências e nas técnicas."
No contexto interdisciplinar, a música pode inicialmente ser explorada por meio do canto, como recurso para desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação, com forte ancoragem no aspecto social da linguagem. O canto tem como vantagem o baixo custo, por utilizar apenas a voz como instrumento, e, ao mesmo tempo, contribui para a conscientização sobre a saúde vocal, a postura corporal e a respiração, estabelecendo conexões com conteúdos da Biologia e da Educação Física.
A prática de corais, por exemplo, promove a convivência respeitosa entre diferentes vozes, sem hierarquização de talentos, o que fortalece a cultura da tolerância, do acolhimento e da inclusão. Cada aluno participa a partir de suas potencialidades, o que contribui para o reconhecimento da diversidade e para o fortalecimento dos vínculos sociais no ambiente escolar.
Além dos benefícios para a saúde vocal e corporal, o trabalho com o coral pode ser articulado com disciplinas como História e Geografia, por meio da seleção de repertórios que dialoguem com diferentes períodos, territórios e culturas. Essa abordagem amplia a percepção dos alunos sobre a diversidade cultural e possibilita reflexões críticas sobre o mundo em que vivem.
Como afirma Fazenda (2006, p. 19), a interdisciplinaridade não deve ser entendida como um simples recurso didático, mas sim como uma mudança de postura diante do conhecimento: “É a substituição de uma concepção fragmentária para uma visão unitária do ser humano. [...] É uma atitude de abertura, onde todo conhecimento é igualmente importante.”
Dentro dessa perspectiva, o ensino musical por meio da voz pode abordar, de forma integrada, temas transversais relevantes para a formação cidadã. Questões como os efeitos do tabagismo, do consumo de álcool e outras drogas sobre o organismo e, especi-

ficamente, sobre as cordas vocais, podem ser trabalhadas de forma contextualizada, junto a temas como qualidade do sono, importância da hidratação e prática de atividades físicas. Isso amplia o escopo do ensino, promovendo a saúde e o bem-estar dos estudantes.

A música também se destaca como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da pesquisa escolar. Seu alto índice de aceitação entre os alunos favorece o engajamento com atividades investigativas, contribuindo para o desenvolvimento da curiosidade, da autonomia e da expressão crítica. Por meio de projetos interdisciplinares, os professores podem utilizar a música como meio de conhecer melhor seus alunos, suas vivências, interesses e repertórios culturais, construindo, a partir desse diagnóstico, planejamentos mais eficazes e contextualizados.

Construir linhas de pesquisa com base na musicalidade permite ampliar o olhar pedagógico, favorecendo a reflexão e o desenvolvimento de novas temáticas de forma transversal. A cultura escolar — composta por projetos, espaços, materiais, práticas e sujeitos — se enriquece com a presença da música, tornando-se mais sensível, dinâmica e integrada.

Por fim, a música rompe as fronteiras entre as linguagens artísticas e os campos científicos, estabelecendo conexões com a Matemática, a Física, a Biologia e diversas outras áreas. Sua versatilidade a torna uma poderosa aliada na construção de uma escola mais criativa, sensível e significativa.

OS SONS E RITMOS IRREGULARES – CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os sons representam intérpretes que cantam, tocam ou até mesmo declamam. Trata-se de uma sensação originada por vibrações simultâneas que atingem o corpo e estimulam o cérebro — vibrações que podem ser percebidas até mesmo por pessoas com deficiência auditiva, dada sua intensidade física.

Essas vibrações podem ser classificadas como regulares, quando possuem notas musicais definidas, produzidas por instrumentos afinados com o auxílio de aparelhos que padronizam a altura e o tempo, ou como irregulares, quando formadas por barulhos e ruídos diversos. Esses sons não têm necessariamente altura ou tempos definidos e, muitas vezes, não possuem notas harmônicas entre si. Nessa categoria, enquadram-se instrumentos artesanais, sons corporais (palmas, estalos de dedos, batidas de pés) e sons naturais ou ambientais (como buzinas, pássaros, chuva, entre outros).

As principais características do som são: altura, duração, intensidade e timbre. Nosso cérebro tem a capacidade de absorver sons e reproduzi-los, mesmo sem o domínio de técnicas específicas ou conhecimento teórico aprofundado.

No contexto escolar — um ambiente controlado e mediado por educadores — é essencial considerar a construção de instrumentos musicais como proposta pedagógica. Transformar sucata ou objetos recicláveis em instrumentos que produzam sons e vibrações oferece aos alunos a oportunidade de criar e improvisar a partir de materiais acessíveis, participando ativamente de processos desafiadores e criativos.

Essa experiência valoriza o "fazer musical" como benefício central. Os alunos aprendem a diferenciar os sons produzidos por diferentes materiais, compreendendo que um mesmo objeto, quando alterado em tamanho ou espessura, pode gerar sons com tempos e alturas distintas. A partir dessa compreensão, é possível formar grupos que desenvolvam corais rítmicos ou batidas modernas e diferenciadas.

Ao agregar conhecimento técnico ao processo criativo, os alunos iniciam uma interação grupal que valoriza diferentes origens sociais e talentos individuais. Essa experimentação promove criatividade, senso estético e cultural, permitindo que os estudantes elaborem ideias coletivas e personalizadas. Por exemplo, se durante a confecção de instrumentos perceberem uma predominância de sons curtos e graves, buscarão formas de ampliar o tempo e afinar os sons por meio de novos materiais e ajustes de tamanho.

Além disso, essa prática amplia a percepção musical no cotidiano dos alunos, permitindo-lhes reconhecer timbres e sons em ambientes familiares e sociais. Nesse sentido, a música se torna um elo entre a escola e a família, promovendo a responsabilidade e o

pertencimento escolar.
Assim, a construção de uma oficina de instrumentos, precedida por atividades que estimulem a escuta e a diferenciação sonora, constitui a etapa inicial da proposta. Ela visa desconstruir a ideia de uma música pronta, herdada das culturas familiares, para construir coletivamente uma nova cultura sonora dentro da escola, um espaço de convivência e aprendizado constante.

OS SONS DO CORPO – SONS ALTERNATIVOS E UMA NOVA VISÃO

É comum, nas escolas, que apenas os alunos com maior afinação ou desenvoltura sejam escolhidos para apresentações, o que acaba classificando-os por talentos específicos e excluindo outros com diferentes potenciais. No entanto, ao analisarmos estudos da área, percebemos que essa lógica é equivocada. Talentos distintos podem ser identificados quando o professor adota um olhar pedagógico atento às múltiplas percepções e contribuições culturais dos estudantes.
"O trabalho com a apreciação musical deverá apresentar obras que despertem o desejo de ouvir e interagir, pois para essas crianças ouvir é também, movimentar-se, já que as crianças percebem e expressam-se globalmente." (BRASIL, 1998, p. 64)

A exploração dessa linguagem, com ampliação de recursos e respeito à maturidade e cultura de cada aluno, propõe um aprendizado coletivo e interativo, valorizando a autonomia e identidade de cada um. Isso contribui significativamente para o fortalecimento da prática musical e artística na escola, apoiando, inclusive, a transversalidade da educação.
Como atividades iniciais, são recomendadas aquelas que envolvem as palmas das mãos e os pés, por serem de fácil assimilação e execução. Esse tipo de atividade funciona como introdução aos conceitos de compasso e tempo, permitindo que as crianças percebam e se expressem por meio de pulsos rítmicos. Bater palmas alternadas com batidas na mesa, em diferentes compassos, é uma dinâmica que costuma gerar grande entusiasmo nas turmas. À medida que a atividade evolui, a complexidade dos ritmos pode ser ampliada gradualmente.

Em seguida, podem ser propostas músicas que incentivem a coordenação motora e o autoconhecimento corporal, especialmente aquelas que mencionem partes do corpo. Enquanto cantam, as crianças tocam essas partes em si mesmas, promovendo uma vivência lúdica e educativa. Se houver a possibilidade de acompanhamento com violão ou outro instrumento, a atividade se torna ainda mais rica. Caso contrário, o canto a capela já é suficiente para gerar engajamento e aprendizado.
Atividades como a canção “Aperta a campainha do nariz, pisca a janela dos olhinhos...” ajudam os alunos a seguir instruções musicais com o corpo, repetindo os movimentos indicados e desenvolvendo, de maneira natural, a percepção rítmica e motora. Mesmo sem instrumentos, os alunos mantêm o entusiasmo e demonstram grande capacidade de assimilar e executar corretamente os ritmos propostos.
A maioria das pessoas associa música a algo pronto, com ritmos e notas predeterminados. Porém, ao desconstruir essa visão e introduzir alternativas com ritmos irregulares, sons corporais e instrumentos improvisados, abre-se espaço para a autonomia e a criatividade dos alunos. Essas práticas reforçam a socialização, a expressão individual e a inclusão.
"A educação musical nos dias de hoje propõe a elaboração de sonoridades por meio da experimentação de recursos e da criação de novos instrumentos sonoros." (NÉSPOLI, 2007)

Além disso, como propõe o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

"Acima de tudo, é preciso que em cada região do país este trabalho aproveite os recursos naturais, os materiais encontrados com mais facilidade e a experiência dos artesãos locais, que poderão colaborar positivamente para o desenvolvimento do trabalho com as crianças.” (BRASIL, 1998, p. 69)

Ao trabalhar com sons alternativos e construção de instrumentos com materiais cotidianos, elimina-se a preocupação com timbres ou ritmos tradicionais. Isso impede que apenas alunos com talentos técnicos se des-

taquem, valorizando a coletividade e a complementaridade das habilidades individuais. Para Gohn (2005), essas práticas são indicadas por diversos autores como meios eficazes de despertar a criatividade dos alunos. Elas permitem reestruturar, à maneira de cada um, os caminhos trilhados pela humanidade na construção da expressão musical, reinventando possibilidades.
A escuta atenta também pode ser estimulada por meio da apreciação de sons da natureza, como o vento, a chuva, ou o canto dos pássaros. Identificar o grave, o agudo, o forte, e outras variações sonoras é parte do processo de integração com o mundo.

"Perceber gestos e movimentos sob a forma de vibrações sonoras é parte de nossa integração com o mundo em que vivemos: ouvimos o barulho do mar, o vento soprando, as folhas balançando do coqueiro [...]. [...] Entendemos por silêncio a ausência de som, mas, na verdade, a ele correspondem os sons que já não podemos ouvir [...]" (BRITO, 2003, p.17).

Trabalhar com sons corporais amplia ainda mais as possibilidades artísticas e pedagógicas. Sem depender de materiais, utiliza-se apenas o corpo e seus movimentos, promovendo a inclusão. Nesse cenário, todos podem participar: com uma palma, um bater de pés, um estalo de dedos. A improvisação e a criação coletiva se tornam os pilares da atividade musical.
Essas abordagens são discutidas por autores como Brito (2001), Fonterrada (2005, 2012), Kater (1977), Mateiro e Ilari (2011), Paynter (1972, 1992), Porena (1972), Schafer (1991, 2010) e Self (1967, 1991). Em comum, essas propostas estimulam a criação musical em diferentes faixas etárias e contextos, promovendo a escuta ativa e a valorização das ideias dos alunos nas atividades musicais escolares.

CONCLUSÃO

Certamente, ainda existem inúmeros desafios para que a musicalidade seja efetivamente incorporada ao cotidiano escolar. Tais obstáculos passam pela organização dos tempos e espaços disponíveis, pela seleção de materiais acessíveis, bem como pela elaboração de propostas pedagógicas que sejam amplas, cuidadosas e verdadeiramente inclusivas. A construção de planos de aula que contemplem todas as individualidades exige do professor um olhar sensível e, sobretudo, um comprometimento em sair de sua zona de conforto, aceitando o risco de experimentar atividades que, por vezes, podem não alcançar o resultado esperado. A utilização de materiais simples, cotidianos e até mesmo improvisados pode apresentar limitações, mas é nesse contexto que reside a potência da criação: ao enfrentar as dificuldades, o educador se torna modelo de pesquisador, de agente criativo e aberto ao novo.
O ambiente sonoro contemporâneo, muitas vezes marcado por músicas com estruturas repetitivas e letras empobrecidas, não oferece suporte para uma escuta ativa e reflexiva. Entretanto, é justamente nesse cenário que se faz necessário ressignificar o fazer musical dentro da escola, permitindo que os alunos explorem sons não convencionais, investiguem possibilidades e experimentem composições sem a obrigatoriedade de seguir padrões pré-estabelecidos. As tentativas – inclusive aquelas que não resultam em apresentações “bem-sucedidas” – são fundamentais para estimular a criatividade, promover o pensamento crítico e fortalecer a construção coletiva de conhecimento.
A música, quando pensada como linguagem universal, deixa de ser privilégio de poucos e passa a ser direito de todos. Não deve ser vista como uma habilidade de dom exclusivo, mas sim como expressão intrínseca do ser humano, capaz de conectar mundos, vivências e culturas. A prática musical, mesmo entre aqueles que não possuem uma afinidade técnica com o campo, tem o poder de incluir, de aproximar, de revelar potencialidades que dificilmente se manifestam em propostas pedagógicas tradicionais. A sala de aula se transforma em um espaço de escuta, de convivência e de descoberta de si e do outro.
Ao abandonar a ideia de performance impecável e dar lugar ao processo criativo coletivo, os alunos passam a experimentar a música em sua forma mais autêntica. Trabalhar com gestos, movimentos e sons corporais estimula não apenas a coordenação moto-

ra, mas também a atenção, a concentração e o respeito à diversidade. A musicalidade, nesse contexto, torna-se ferramenta interdisciplinar poderosa, podendo dialogar com outras áreas do conhecimento, como a Matemática, por meio das noções de tempo, ritmo e divisão.

A proposta de utilização de sons alternativos no ensino da música carrega em si um caráter inovador e audacioso, pois desafia tanto os professores quanto os alunos a ampliarem suas referências e possibilidades expressivas. Exige maior preparo, dedicação e disposição para encarar uma rotina mais dinâmica, interativa e, por vezes, caótica. Contudo, também proporciona uma resposta positiva por parte dos estudantes, que passam a se identificar com novas linguagens e a reconhecer a musicalidade presente nos detalhes do cotidiano.

Explorar os sons da natureza, os ruídos urbanos ou os materiais disponíveis ao redor — como livros, carteiras, latas e paredes — enriquece a percepção sensorial dos alunos e amplia suas formas de interação com o ambiente. Ao incorporar esses elementos à prática pedagógica, o professor oferece aos estudantes a oportunidade de desenvolver um olhar mais atento, sensível e curioso sobre o mundo que os cerca. A musicalidade, inserida de forma transversal no currículo escolar, não só favorece a aprendizagem, mas transforma a escola em um espaço mais inclusivo, significativo e acolhedor.

Ao valorizar o fazer musical coletivo, em que não há classificações, destaques ou exclusões, a escola fortalece vínculos, estimula o respeito mútuo e fomenta a construção de saberes compartilhados. A música torna-se, assim, uma linguagem acessível e potente, capaz de promover experiências educativas ricas, colaborativas e transformadoras. Este trabalho, portanto, representa apenas o início de uma trajetória possível e necessária, em que o professor se coloca como protagonista na missão de renovar práticas e reinventar caminhos, resgatando o papel fundamental da música como componente curricular, conforme prevê a Lei nº 11.769/2008.

A musicalidade é um campo fértil, que se renova constantemente por meio de suas inúmeras possibilidades. Este artigo oferece apenas um recorte das múltiplas formas de interação que a música pode proporcionar, reafirmando sua relevância na formação de sujeitos sensíveis, críticos e criativos, comprometidos com a construção de novos saberes e com a valorização da cultura em sua essência mais viva e plural.

REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, Regina. Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola... e fora dela. São Paulo: Loyola, 1992.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRITO, Teca Alencar de. Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

BUENO, Roberto. Pedagogia da Música: volume 1. Jundiaí: Keyboard, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 13. ed. Campinas: Papirus, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JEANDOT, Nicole. Explorando o universo da música. São Paulo: Scipione, 1997.

KRIEGER, Elisabeth. Descobrindo a música: ideias para sala de aula. São Paulo: Moderna, 1999.

MUSICA PLENA. O som. Disponível em: http://musicaplena.com/o-som/. Acesso em: 07 abr. 2025.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes curriculares da educação básica: arte – ensino fundamental e médio. Curitiba: SEED, 2008.

PENNA, Maura. "Reavaliações e buscas em musicalização", "Os limites da oficina de música". In: PENNA, Maura. Música na educação: reavaliações e buscas. São Paulo: Loyola, 1990.

PEREIRA, Potiguara Acácio. Sobre o conceito de transdisciplinaridade à luz das vertentes epistemológicas contemporâneas. São Paulo: Unicid, 2004.

RIBEIRO, Artur A. Uakti: um estudo sobre a construção de novos instrumentos. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

SCHAFER, R. Murray. O ouvido pensante. Tradução de Marisa Fonterrada. São Paulo: UNESP, 1991.

SNYDERS, Georges. A escola pode ensinar as alegrias da música? São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Jusamara. O cotidiano como perspectiva para a aula de música. In: ABREU, Marisa T. de (org.). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SULINAS. Relatório Sulinas – Fórum de Educação Musical da Região Sul. 2005. [Local e editora não informados].